

EDUARDO CANABRAVA BARREIROS, UM HOMEM DE PERSONALIDADE

Por Paulo Chaves Filho

Artigo publicado no Jornal de Minas – São João del-Rei/MG, ano XII, 24 a 30/08/2012, p. 4, nº 188, por ocasião da minha defesa de patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei/MG.

Artigo publicado no Jornal Curvelo Notícias – Curvelo/MG, ano 54, Julho/Agosto/2012, p. 18, nº 433, por ocasião da minha defesa de patrono no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei/MG.

“Ninguém mata sua própria personalidade, a não ser epidermicamente. No fundo, bem no âmago de cada um de nós, assentado, de pé, ou mesmo de cócoras, estará o homem que somos.”

Eduardo Canabrava Barreiros
Semicírculo: Recordações quase Memórias

O nome que motivou o título deste trabalho é o patrono da cadeira nº 34, que hoje ocupo no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei. Ao defender meu patrono neste Sodalício, em 05 de agosto de 2012, notei um total interesse dos confrades, confradeiras, visitantes e convidados sobre a vida de Eduardo Canabrava Barreiros. Percebi que muitos ouvintes conheciam meu patrono de nome, mas não tinham noção de suas obras nem das provações vitais que Eduardo passou antes que a glória o coroasse, já na plenitude da vida, com os louros do triunfo. Desde o início de minhas pesquisas já tinha observado que meu trabalho não seria simples, sim de grande fôlego e que precisava perseverar na busca de documentos incontestáveis.

Motivado por meu trabalho de defesa de patrono e pelas unânimes manifestações de interesse pelo meu homenageado por parte de todos os presentes, resolvi escrever meu primeiro artigo e trazer a lume a minha pesquisa.

Eduardo Canabrava Barreiros nasceu em Curvelo, cidade do sertão mineiro, em 11 de julho de 1908. Filho de João Barreiros e Etelvina Canabrava Barreiros. Perdeu o pai aos 2 anos de idade e viveu momentos difíceis ao lado de sua mãe e dos seus irmãos. Concluiu apenas a 4ª série do grupo escolar e mais tarde, em épocas intercaladas, estudou com as professoras Elisa Octaviano e Maria Hermenegilda de Souza, dona Nanhá de Souza. A pouca frequência ao ensino sistemático não impediu, no entanto, de se tornar um intelectual brilhante a exemplo de outros sem diploma de curso ginásial, como Machado de Assis. Desde a infância se mostrou habilidoso, inteligente por excelência e já desenhava as mais diversas figuras. Era um menino alto, franzino, astênico diferente de seus irmãos e demais meninos de sua época. Também sofria de uma anemia congênita que, às vezes, o deixava amarelo e pálido.

A vocação para desenho e a perspectiva, entretanto, manifestou-se desde cedo. Estudou com o engenheiro e desenhista Paulo Metre, especializou-se em topografia, com o engenheiro Arlindo Araújo. Além de desenho, estudou pintura com Delfino, em Belo Horizonte, durante os anos de 1928 e 1929. Assim foi crescendo nas artes plásticas e pintura. Pintou a igreja-matriz de Curvelo e também a igreja de Buenópolis. Até por volta de seus trinta anos aventurou-se em diversas atividades como a garimpagem na Serra do Cabral, no Rio das Velhas, nas proximidades de sua foz, no Rio São Francisco e no alto Rio Jucu/ES. Dispôs-se a participar, como voluntário, da Revolução de 1930, também alcunhada de “Liberal”, conforme ele escreve em uma de suas obras.

Uma dia, para o pesar da família e dos amigos, Eduardo deixou a sua cidade natal e foi em busca de fama e fortuna. Depois de muito viajar, transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1935. Ao invés de

fama e fortuna, sofreu de tudo, padecendo todas as penúrias imagináveis. Passou fome, foi catador de papel como ele próprio tragicamente nos relata em seus contos e crônicas. Uma verdadeira vida de trapeiro...

Envergonhado e decepcionado com o seu estado lastimável, Eduardo decidiu se isolar da família e dos conterrâneos. Com isso, a família e os amigos perderam totalmente o contato com ele. Foi então que a família resolveu pedir ao quase irmão e amigo Alfredo Marques Vianna de Góes, conhecido como Fiduca, que fosse ao Rio de Janeiro em busca de notícias sobre o seu amigo. Alfredo dirigiu-se ao último endereço de correspondência de Eduardo onde, indagando pelo paradeiro dele, obteve notícia que o amigo teria sido visto por diversas vezes na Rua Sachet, onde se encontravam muitos mendigos e catadores de papel. Alfredo partiu imediatamente para o local e, depois de muito tempo aguardando, avistou uma pessoa alta, franzina e desengonçada que se assemelhava ao seu amigo.

O encontro lhes trouxe muitas emoções. Ao velho amigo, amado como o melhor dos irmãos, Eduardo confidenciou as suas privações. Alfredo, espantado e ao mesmo tempo feliz com o encontro, levou Eduardo ao restaurante mais próximo para matar-lhe a fome, coisa que o amigo não fazia decentemente há muitos dias. Durante o almoço Eduardo comenta que para alugar um fundo de loja, instalar uma prancheta para trabalhar e aguardar os primeiros fregueses, necessitaria de uma quantia inacessível para ele. Antes mesmo de Eduardo terminar a fala, Alfredo emprestava-lhe a quantia solicitada.

A partir deste momento, a vida de Eduardo toma o rumo há muito tempo almejado e ele começa a trabalhar, consegue os primeiros clientes, aceitando trabalhos de última hora, sujeitos a prazos exíguos.

Em 1940 criou o Instituto Cartográfico Canabrava Barreiros, onde se consagrou como artista e técnico em cartografia. Ficou conhecido por seus levantamentos cartográficos de grandes cidades, portos marítimos, bases militares, ilhas estratégicas e caminhos históricos de nosso País.

Casou-se em 1942 com Maria da Conceição Cabral de Vasconcellos. Seu sucesso viria com a influência da inspirada esposa, admirável Ceicinha, sua *Musa*, sua luz e sua fortuna. Foi ela quem disciplinou os passos de Eduardo e assinalou os rumos de sua vida. Não tiveram filhos.

Conquistou grandes e célebres amigos frequentando as reuniões de Fábio Doyle, batizadas de “Sabadoyles”, onde se juntava a nata dos escritores brasileiros: poetas como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, romancistas como Rachel de Queiroz e Lygia Fagundes Telles, o memorialista Pedro Nava e dezenas de outros escritores e intelectuais em geral.

Quando a Livraria “José Olympio” Editora passou a editar e lançar seus livros, estreou como escritor de ficção em 1967, com “O Segredo de Sinhá Ernestina”, obra prefaciada por Guimarães Rosa, A TÍTULO EXCEPCIONALÍSSIMO. Conquistou o **Prêmio Afonso Arinos** da Academia Brasileira de Letras. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Também foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, sócio correspondente da Academia de Letras de São João del-Rei. Em São João del-Rei, conquistou a amizade pessoal de Sebastião de Oliveira Cintra, Fábio Guimarães, Altivo Sette entre outros.

Eduardo sempre participou dos eventos curvelanos, mesmo morando fora. Retornou à cidade natal em 1975 para as festividades dos cem anos de elevação do distrito-sede à categoria de cidade. Lançou o “Ligeiro ensaio referente a aspectos históricos e geográficos do Curvelo aos 100 anos de

sua elevação à cidade (1875-1975)". Ajudou a divulgar Sinhá Reginalda, a "santa mendiga", da qual fez o bico de pena estampado em edição especial do jornal CN – Curvelo Notícias. Lançou campanha que se notabilizou contra a incorporação de Tomás Gonzaga a outro município, guiado pelo bom senso de historiador. Participou também do programa "Mineiros Frente a Frente" defendendo Curvelo na TV Itacolomi (1971), em Belo Horizonte, no quadro "Eu conto a verdade" onde com muita simpatia ganhou ponto para a equipe curvelana contra a cidade de Itaúna, contando o caso da velha escrava assassinada pelo próprio filho, que não a reconheceu. Para engrandecer minha defesa de patrono, convidei o casal Dr. Lúcio Flávio Baioneta e Dona Vilma Canabrava Baioneta, parente de Eduardo Canabrava Barreiros, para assistirem a minha apresentação e darem seu testemunho com uma grande riqueza de detalhes sobre a preciosa personalidade do meu patrono e relatarem alguns casos, principalmente enfocando o caso que se passou com Eduardo no programa "Mineiros Frente a Frente" que se encontra no livro Semicírculo: Recordações quase Memórias, páginas 42 e 43, fazendo com que os ouvintes se emocionassem como foi no dia do referido programa.

Entre suas obras mais importantes estão "O SEGREDO DE SINHÁ ERNESTINA (1967)", "ATLAS DA EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO DE 1565-1965 (1967)", "ITINERÁRIO DA INDEPENDÊNCIA (1972)", "D. PEDRO - JORNADA A MINAS GERAIS EM 1822 (1973)", "SEMICÍRCULO: RECORDAÇÕES QUASE MEMÓRIAS (1977)", "DAS BUSCAS E DESCOBERTAS (1980)", "EPISÓDIOS DA GUERRA DOS EMBOABAS E SUA GEOGRAFIA (1984)". Entre seus principais trabalhos cartográficos estão: "MAPA ETNOGRÁFICO DO BRASIL (1940)", "ENSAIO ETNOGRÁFICO DO BRASIL (1941)", "MAPA RODOVIÁRIO DO BRASIL (1942)", "Redução e ajuste cartográfico de centenas de folhas topográficas, de estudos e projetos rodoviários e ferroviários, para os departamentos especializados (1943)", "MAPA POSTAL TELEGRÁFICO DO BRASIL (1944)", "ATLAS DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES DA 3a. ZONA AÉREA (1944)", "MAPA OROGRÁFICO DO BRASIL (1945)", "MAPA HIDROGRÁFICO DO BRASIL (1945)".

Ainda, cabe mencionar que, a convite da nobre vereadora são-joanense Alba Lombardi, trabalhou diligentemente no levantamento topográfico e cartográfico da região do Rio das Mortes com a atenção voltada para a definição dos limites entre São José del-Rei e São João del-Rei, na data do batizado de Tiradentes, ou seja, 12 de novembro de 1946. Não satisfeito com o testemunho do próprio Tiradentes sobre a sua naturalidade são-joanense nos Autos da Devassa, ele se pôs a pesquisar todos os elementos de que dispunha para esclarecimento de sua dúvida. ***Seria Tiradentes realmente são-joanense ?*** O livro "AS VILAS DEL-REI E A CIDADANIA DE TIRADENTES" veio confirmar, agora cientificamente, o testemunho que Tiradentes deu nos Autos da Devassa.

Eduardo Canabrava Barreiros alcançou o merecido reconhecimento. Críticos abalizados, como Guimarães Rosa, Michel Vovelle, Pedro Calmon, Américo Jacobina Lacombe e Altivo Sette, entre outros, enaltecera-lhe a fluência verbal e a sólida erudição.

Infelizmente, em 1981, Eduardo Canabrava Barreiros faleceu de complicações de uma cirurgia para retirar cálculos biliares da vesícula. Teve uma septicemia no pós-operatório.

Por fim, gostaria de reconhecer aqui a contribuição recebida de vários estudiosos da obra de Canabrava Barreiros dando especial destaque ao casal Dr. Lúcio Flávio Baioneta e Dona Vilma Canabrava Baioneta, parente de Eduardo Canabrava Barreiros, que se dispuseram a dar sua participação emocionada sobre a relação amistosa que desenvolveram com o meu patrono durante décadas no Rio de Janeiro, ao Sr. Raimundo Martins dos Santos (Diquinho), diretor-proprietário do jornal Curvelo Notícias que me concedeu acesso ao acervo desse prestigioso periódico. Também

agradeço a minha esposa, Sarah Barbosa Chaves, e a meus amigos, em especial, ao Prof. Artur Cláudio da Costa Moreira, presidente do IHG de São João del-Rei, à Prof^a. Betânia Maria Monteiro Guimarães, a Francisco José dos Santos Braga, historiador que utilizou as conclusões de Canabrava Barreiros para fundamentar o seu artigo “São João del-Rei: a terra natal de Tiradentes” de 1992, e a Luiz Antônio do S. Miranda, os quais me apoiaram na realização desta pesquisa.